Correio da Manhã



Divulgação Liesa

#cm2

QUARTA-FEIRA

A SAPUCAÍ JÁ TEM SUA TRILHA

A pouco mais de **100 dias dos desfiles na Marquês de Sapucaí,** chega nesta quinta (29) **às plataformas digitais o álbum oficial** com os **12 sambas-enredo do Grupo Especial.** Foram quatro dias de gravação ao vivo com **770 sambistas transformando as obras vencedoras das quadras** na versão que vai tocar **nos ensaios técnicos e nos carros de som das escolas.** Página 3

Elis, Elza, Elizeth... e Elisa

Em show inédito Elisa Addor passeia pelo repertório de três divas nesta quarta no Rival Petrobras

AFFONSO NUNES

A cantora e compositora carioca Elisa Addor apresenta nesta quarta (28), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras, o show inédito "Elisa, Elis, Elza & Elizeth". A homenageada não é apenas uma: o espetáculo atravessa os repertórios de três mulheres que transformaram a maneira de cantar a música brasileira.

Para cada uma delas, um capítulo do cancioneiro nacional. Elis, a "pimentinha" que revolucionou a MPB, gravou "O Bêbado e o Equilibrista" — que se tornaria hino da anistia — e "Madalena". Elza, eleita "voz do milênio" pela BBC de Londres em 1999, tem em "Dura na Queda" e "Maria da Vila Matilde" dois de seus clássicos. Elizeth, a Divina, gravou em 1958 "Canção do Amor Demais", disco de Tom Jobim e Vinicius de Moraes com João Gilberto no violão, apontado como marco inicial da bossa nova — de onde saem "Chega de Saudade" e "Carinhoso". "Fascinação" completa o trio de repertórios, todos revisitados em novos arranjos.

É essa resiliência, junto com a grafia quase irmã dos nomes, que costura o projeto: as três enfrentaram o machismo da indústria fonográfica, romperam barreiras sociais e usaram o microfone como arma de libertação. "São três mulheres que abriram caminhos e transformaram a maneira de cantar a música brasileira", resume Elisa. "É uma honra poder dialogar com essas trajetórias e, ao mesmo tempo, buscar a minha própria voz dentro delas."

Camilo Árabe/Divulgação



Elisa Addor celebra o repértório de Eles Regina e outras divas em seu novo show

O samba é o território de origem dessa voz. Elisa participou do movimento de revitalização da boemia da Lapa nos anos 2000 e comandou, durante anos, a roda de samba dominical do icônico Bar Semente.

No palco, ela é acompanhada por Julio Florindo (baixo) e Edgar Araújo (bateria). A direção musical é de Rafael Mallmith, que assina os arranjos ao lado de Fernando Leitzke.

SERVIÇO
ELISA ADDOR
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, subsolo)
28/10, às 19h30
Ingressos a partir de R$ 50

CRÍTICA DISCO | **MÍMICA**

AQUILES RIQUE REIS*

Uma aula de resistência (aos meus filhos)

Hoje vamos nos espelhar num álbum que traz todo um modo de fazer da vida algo que valha à pena para si e para todas as pessoas que estão ao seu redor. Trata-se de "Mímica: Música para vozes e instrumentos" (selo yb music), primeiro trabalho do Quarteto Mímica, grupo de música popular de câmara, concebido e liderado pela compositora e vocalista paulistana Stephanie Borgani, que reúne um saxofone alto (Lucas Sales), um saxofone tenor (Marlon Cordeiro), e duas vozes populares cantando sem texto: a própria Stephanie Borgani e Marina Marchi.

O que me atraiu, desde que os ouvi pela primeira vez, foi a disposição dos quatro pela busca desabrida de uma sonoridade que eu ainda não havia percebido, ao menos assim, quando levada a cabo com tanto ímpeto. Impressionou-me, também, o que concluí como sendo um movimento insurreto contra a mesmice, indo na direção oposta ao mercado da musica.

Stephanie concebeu o quarteto para dar sentido lato à música que, segundo ela, "desafia rótulos, existindo na intersecção da música instrumental brasileira, da música de concerto contemporânea, e da improvisação livre. Não por acaso, são gêneros que apresentam, por um lado, possibilidades do uso da voz como timbre instrumental – e por outro, tradições de instrumentos de sopros que evocam sons vocais".

Não reconhecer o aspecto revolucionário da iniciativa do grupo, é ignorar que para conseguir dar novos rumos à existência é preciso ajuntar pessoas de formações diversas em torno de uma ideia. No caso do Quarteto Mímica: ir à luta e materializar um ideal de vida, numa clara ampliação de rumos da nossa cultura musical.

Divulgação



"Mímica: Música para vozes e instrumentos" é uma verdadeira aula pratica de contemporaneidade, fazendo frente à barbárie que é criminosamente convalidada por reacionários mundo afora. O sucesso dessa empreitada está intimamente ligado à união de pessoas que, insatisfeitas com o que estão vivendo, vão à luta para demonstrar cabalmente o seu desagrado, partindo para a conquista libertária do bem estar comum das minorias de todas as etnias.

O álbum tem oito temas que o grupo, na medida em que os apresentam, fazem deles um exemplo de modernidade explícita. Dois singles foram pré-lançados: "Brincadeira" (peça contrapontística que ilumina a imagem de uma criança girando em um jardim de flores) e "Quieto, Por Favor" (samba em 7/4 que evoca os predecessores musicais de Stephanie, como Hermeto Pascoal e Léa Freire),

Ora, no mundo em que a desigualdade impera, nada mais exemplar do que vê-los em sua ação musical! Carece que propaguem já a sua arte viva e insurgente. Ouça o álbum em https://l1nq.com/48wzp5u.

Ficha técnica

Gravação (Estúdio Arsis SP), mixagem e masterização: Adonias Souza, Jr.; produção: Stephanie Borgani; foto da capa: Stephanie Borgani; produção audiovisual: Vini Junior (OnPlay); todas as composições são de Stephanie Borgani.

***Vocalista do MPB4 e escritor**

Divulgação Liesa



A Portela rende suas homenagens a Monarco, uma lenda em azul e branco

Três meses para **afinar o gogó**

Sambas saem das quadras das agremiações para os celulares dos entusiastas das 12 escolas do Grupo Especial

Divulgação Liesa



A mangueira chega forte ao estúdio defendendo seu enredo

FRED SOARES
Especial para o Correio da Manhã

O carnaval de 2027 ganha trilha sonora oficial nesta quinta-feira (29). Às 21h, o álbum com os 12 sambas-enredo do Grupo Especial entra em todas as plataformas digitais, a pouco mais de cem dias dos desfiles na Marquês de Sapucaí, marcados para 7, 8 e 9 de fevereiro. A partir daí, o samba que o componente aprendeu no grito da quadra ganha versão definitiva, a que vai tocar no ensaio técnico, no carro de som e no fone de ouvido de quem vai desfilar.

O disco é realizado pela Edimusa, a gravadora da Liesa, e tem direção artística de Alceu Maia, que participa do álbum do carnaval há mais de 40 anos. A gravação foi feita entre 21 e 24 de setembro, num estúdio em Jacarepaguá, logo depois da maratona de finais nas quadras. Quatro dias, três escolas por dia.

A conta do número de pessoas envolvidas impressiona. Cada escola levou ao estúdio cerca de 64 pessoas. Só a bateria ocupou 32 lugares, contando mestres e percussões extras. O resto se dividiu entre harmonia, um ou dois intérpretes, oito vozes de coro do carro de som e oito compositores. Para as imagens, entraram ainda o casal de mestre-sala e porta-bandeira e mais seis integrantes, entre baianas, Velha Guarda e rainhas de bateria. Multiplicado por 12, dá perto de 770 sambistas passando pelo estúdio em quatro dias. Por trás deles, outras 105 pessoas cuidaram de montagem, cenografia, iluminação, direção de áudio e produção.

A aposta foi voltar ao vivo, com todos os naipes tocando juntos, em vez de montar a faixa instrumento por instrumento. Quem cresceu com o LP do carnaval na vitrola conhece a diferença entre um samba que respira e um samba de laboratório. Helio Motta, diretor-executivo da Edimusa, explica como a gravadora trabalha com as escolas: "O álbum funciona como uma espécie de pré-campeonato. A gravadora tenta apenas criar uma unidade para deixar o produto coeso, mas cada agremiação é livre para criar o seu arranjo. Todos os artistas envolvidos sabem que estão gravando para a eternidade, por isso é emocionante ver o resultado". As escolas também gravaram clipes, que serão veiculados no YouTube.

Como manda a tradição, a capa homenageia a campeã. A Viradouro, dona do título de 2026, abre o álbum. Para 2027, a escola de Niterói fala dos griôs, os contadores de histórias da África Ocidental que guardam e repassam a memória de seus povos, num enredo de Tarcísio Zanon que liga essa tradição ao próprio samba.

Outra faixa que promete conversa é a da Mangueira. "Oyá por nós", enredo de Sidnei França, foi gravado com Alcione, Maria Bethânia, Leci Brandão e Daniela Mercury ao lado de Dowglas Diniz, intérprete da verde e rosa.

Mangueira não é a única com time de convidados. A Portela gravou o samba de "Ao mestre, com carinho", enredo de Paulo Barros em homenagem a Monarco, com Paulinho da Viola, Zeca Pagodinho, Diogo Nogueira, Teresa Cristina e Marquinhos de Oswaldo Cruz, além da Velha Guarda Show e da família Diniz, herdeiros do homenageado. Diogo tinha concorrido na disputa com outro samba e, mesmo derrotado, foi ao estúdio cantar o vencedor. A voz oficial da escola é de Bruno Ribas.

A safra tem cara de estante de biblioteca. A Beija-Flor vai à Ilha de Marajó homenagear a pajé Zeneida Lima. O Salgueiro revisita Xica da Silva em "Laroyê Xica da Silva: a história por trás da história", separando a mulher real do mito. A Imperatriz, de Leandro Vieira, conta em "A memória do rei e o sumiço de Dona Júlia" a história da calunga de um maracatu do Recife que passou mais de 30 anos desaparecida. O Tuiuti leva Tia Ciata, matriarca do samba. A Grande Rio vai à antiga Costa do Ouro, hoje Gana, contar a história dos negros libertos que voltaram à África, e a Mocidade faz um manifesto latino-americano. A Unidos da Tijuca vai ao sertão do Ceará inspirada em "A cabeça do santo", de Socorro Acioli, e a Vila Isabel leva para a avenida as irmãs Bibiana e Belonísia, de "Torto Arado", de Itamar Vieira Junior. A estreante União de Maricá chega ao disco homenageando Darcy Ribeiro.

O álbum chega depois de uma temporada de disputas que mudou de tamanho. As finais nas quadras foram transmitidas pela Rio Carnaval TV, no YouTube, e somaram quase 3 milhões de visualizações. Muita gente vai chegar ao lançamento sabendo a letra de cor. Mesmo assim, é no disco que os 12 sambas passam a ser ouvidos lado a lado, comparados na mesa de bar e cantados como uma obra só. A partir de agora, os ambas vão da quadra para o celular de cada torcedor, que tem pouco mais de três meses para afinar a garganta antes da Sapucaí.

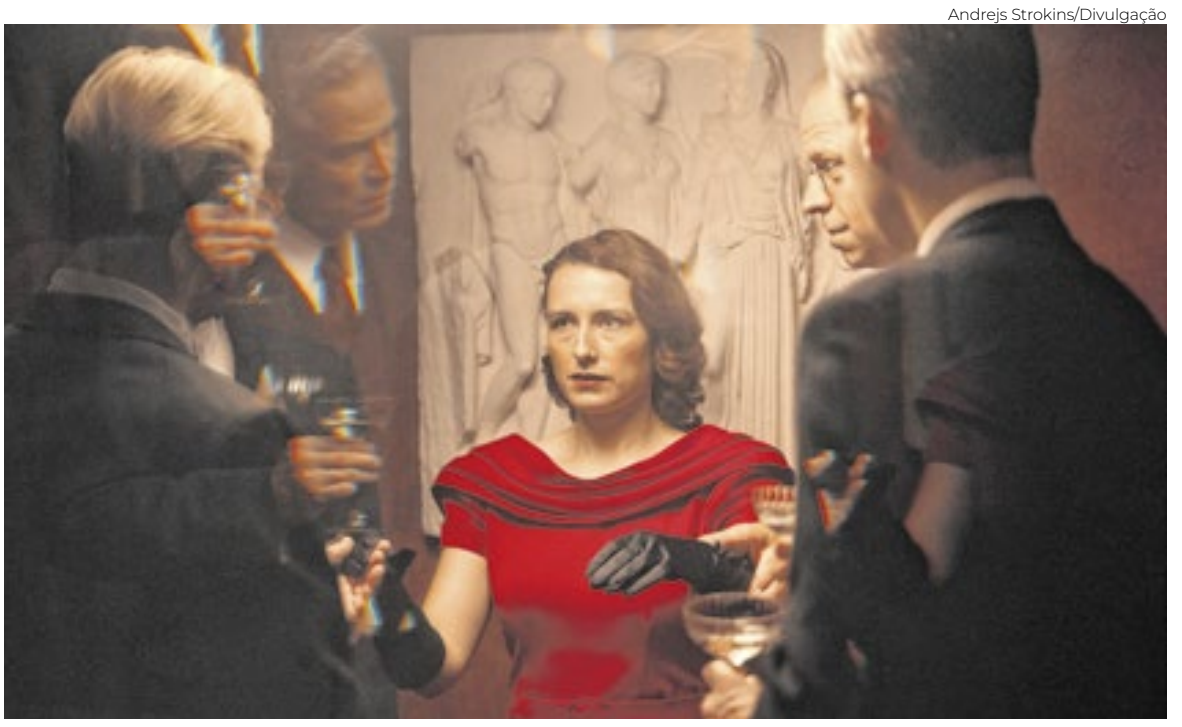
Nossa série semanal revelando os enredos das ecolas do Grupo Especial segue amanhã aqui no #CM2

Uma leoa dourada chamada May el-Toukhy

50 MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA SÃO PAULO INTERNATIONAL FILM FESTIVAL

Cineasta dinamarquesa de origem egípcia superou intolerâncias ao vencer Veneza com 'Mulher Desconhecida', em cartaz na maratona paulista nesta quarta

Andrejs Strokins/Divulgação



Mathilde Arcel saiu de Veneza coroada com o troféu Copa Volpi de Melhor Atriz por 'Mulher Desconhecida', de May el-Toukhy (abaixo)

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Quem estiver às 21h30, no Cultura Artística, nesta quarta, terá a chance de conferir o Leão de Ouro de 2026 em tela grande, sob a delicada curadoria da Mostra de São Paulo: "Mulher Desconhecida" ("Kvinde Ukendt"). Dirigido pela dinamarquesa de origem egípcia May el-Toukhy, o drama (mundialmente chamado de "Woman Unknown") abocanhou a láurea mais cobiçada do 83° Festival de Veneza e também consagrou sua protagonista, Mathilde Arcel, com o troféu Copa Volpi de Melhor Atriz.

Coprodução da Dinamarca, Suécia e Letônia, o longa tem roteiro assinado pela própria realizadora em parceria com Maren Louise Käehne e reúne no elenco Carsten Bjørnlund, Thorbjørn Hedegaard e Marina Bouras. A equipe técnica inclui o diretor de fotografia Jasper J. Spanning, a designer de produção Sabine Hviid, o montador Rasmus Stensgaard Madsen e o compositor Mikkel Hess. É o terceiro longa de May, que chamou atenção internacional com "Rainha de Copas" (2019).

A trama se passa na Dinamarca, nos dias que sucedem a libertação da ocupação nazista, em maio de 1945. Marie (Arcel) é uma jovem babá e empregada doméstica prestes a se casar com Christian (Bjørnlund), o rico e mais velho viúvo para quem trabalha. A união parece oferecer a oportunidade de abandonar a condição de criada e conquistar uma posição social privilegiada, mas ela guarda um segredo: durante a guerra, manteve uma relação íntima com um soldado alemão. Com o fim da ocupação, a euforia da libertação convive com a perseguição às mulheres acusadas de se relacionar com os inimigos, muitas submetidas à humilhação pública e à violência. Ao abordar esse capítulo traumático da história europeia, May desloca o foco dos vencedores e dos grandes feitos militares para o corpo feminino, transformado em território de punição e disputa moral.

Soeren Roenholt/Kopi Lowres



"O que está em questão aqui é o corpo feminino", afirmou a cineasta ao receber o Leão. Sua vitória ganhou dimensão política em uma edição de Veneza marcada pela discussão sobre a baixa presença de mulheres na competição principal. Quando a seleção foi anunciada, "Mulher Desconhecida" era o único dos filmes concorrentes dirigido por uma mulher em carreira solo; posteriormente, o documentário "NAZA", codirigido por Rachel Szor e Yuval Abraham, também entrou na disputa.

A escassez de realizadoras reacendeu críticas à desigualdade de oportunidades no circuito internacional, enquanto May denunciou o culto ao "gênio masculino" e as barreiras estruturais enfrentadas pelas cineastas. A passagem do filme pelo festival teve ainda um incidente técnico: durante a estreia mundial, a realizadora e o produtor Mikael Rieks interromperam a sessão após perceberem que as legendas em inglês estavam dessincronizadas. A projeção foi retomada cerca de 15 minutos antes do ponto da interrupção, para que o público e o júri pudessem acompanhar a história adequadamente. O episódio não impediu a consagração: a sessão terminou com uma ovação de aproximadamente sete minutos e meio, antes de o longa arrebatar a terra das gôndolas, mesmo apostando em uma estrutura narrativa visual convencional. O desempenho de Arcel é seu trunfo, ao lado de sua forma crua de recriar abusos sexistas disfarçados de justiçamento. O Brasil pode coroar o êxito da produção, que é a representante oficial da Dinamarca na briga para disputar o Oscar.

Silvio Tendler **para sempre**

Legado do papa do documentarismo brasileiro ganha destaque na Mostra de SP com seu 'Pontos de Partida'

Um ano e um mês depois da morte de Silvio Tendler (1950-2025), seu legado volta ao cinema, agora na 50ª Mostra de São Paulo, nesta quarta e nesta quinta, agora pelas imagens que ele nos deixou como herança. "Pontos de Partida", último projeto do realizador consagrado como o "papa do documentário histórico brasileiro", integra a maratona paulista, com projeção esta noite, às 21h10, no CineSesc. No dia 29, a projeção será às 17h40, no Cinesystem Frei Caneca 5.

Funciona como um adeus particularmente coerente para um cineasta que transformou memória, cidadania e indignação política em matéria audiovisual. Tendler deixou o longa inconcluso ao morrer, em 5 de setembro de 2025. Coube ao produtor Cláudio Kahns finalizar esse experimento geopolítico, já apresentado no Festival do Rio, onde, há dois anos, ele apresentou "Brizola – Anotações para uma História" (2024). "É feia a miséria e o destrato a que submetem nossa população", lamentava o documentarista.

Caliban



'Pontos de Partida' celebra as ancestralidades que pavimentam a educação no país, à luz de Tendler

Com 101 minutos, "Pontos de Partida" recupera uma iniciativa nascida em 2004, quando a política cultural brasileira deu origem ao Cultura Viva e à rede de Pontos de Cultura, que alcançaria cerca de 3,5 mil núcleos espalhados pelo país. O olhar se concentra sobretudo nas periferias de São Paulo e na tentativa de descentralizar o acesso à produção cultural, levando protagonismo a manifestações distantes das instituições tradicionais. **(R. F.)**

Thriller à moda **portuguesa**

Eletrizante recriação da Lisboa pós-Revolução dos Cravos, 'Projecto Global', de Ivo M. Ferreira, renova a força do cinema lusitano e amplia o destaque de seu país

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Tarântula



Em 'Projecto Global', a agitação de ativistas mobiliza Portugal numa luta pela liberdade

Fiel a um padrão histórico de carinho com o cinema de Portugal, que sempre é vedete em sua programação, a Mostra de São Paulo encerra sua 50ª edição atenta aos nossos patrícios, com destaque para um dos títulos de maior potência estética da safra lusa mais recente: "Projecto Global". Tem um par de sessões do thriller pilotado por Ivo M. Ferreira nestes dois últimos dias da maratona paulista de número 50: nesta quarta, às 13h45, no Espaço Petrobras 2, e quinta, às 17h, no Cinesystem Belas Artes 1.

Em sua trama, uma personagem, Rosa, acredita de peito aberto num outro rumo para a vida portuguesa, bem distinto daquele em que mulheres como ela vivem, nas raias dos anos 1980, cerca de seis anos depois de aquele país ter passado pela Revolução dos Cravos e tirado o retrato do velho António de Oliveira Salazar (1889-1970) das paredes das repartições públicas.

Interpretada silenciosa e magistralmente por Jani Zhao, a personagem de ascendência asiática que nos conduz por veredas distintas (ora é dor, ora é júbilo, mas sempre é tensão) do épico "Projecto Global" percebe o quanto a euforia revolucionária da Lisboa de outrora... de bem pouco tempo atrás... deu lugar à desilusão. Fábricas fecham, trabalhadores erguem barricadas e a política é a voz dominante em todas as gargantas. À medida que a pátria banhada pelo Atlântico e embalada pelo fado se embrenha em agitações sociais, um grupo armado de extrema-esquerda, chamado FP25, entalha seu nome no carvalho da História. É dele que fala o longa-metragem de Ivo M. Ferreira, responsável por um redesenho febril da força cinemática do audiovisual português. Em janeiro, o Festival de Roterdã, realizado na Holanda, foi seu berço, em sessões na mostra Big Screen Competition.

"Eu fiz, antes de tudo, uma ficção... uma ficção livre de qualquer invenção pedagógica, sem incorrer em fantoches morais, que se inspira em várias pérolas colhidas num trabalho de pesquisa e em horas passadas com a malta da polícia e com ex-operacionais", conta Ivo ao Correio da Manhã, num papo via Zoom em Roterdã, lembrando ter ouvido do pai que Salazar foi "um grande atraso de vida" para sua nação. "O único saudosismo nessa recriação do passado é a energia da época, com sua pulsão libertária. Havia por ali um certo impulso que dava lugar ao erro, à hesitação, e tudo o que eu não poderia fazer era incorrer numa super estilização. Não poderia ser cinemão. Tivemos meios para filmar, mas não tínhamos uma grua. Não podia ser burguês".

Em sua trama, Rosa se junta a um grupo de jovens desiludidos com o Portugal pós-Revolução. Integrados numa organização avessa às leis vigentes à época, eles partilham ideais políticos e um quotidiano que os aproxima cada vez mais, mas o idealismo colide de frente com o país em mudança e com uma vasta operação policial que os tem como alvo. De certa forma, o painel histórico pintado por Ivo (capaz de evocar, à moda lusa, marcos da Nova Hollywood, como "A Trama", de Alan J. Pakula, e "Operação França", de William Friedkin) se conjuga bem como os feitos do pernambucano Kleber Mendonça Filho no concorrente brasileiro a quatro Oscars "O Agente Secreto" – também em exibição em Roterdã, mas em mostra paralela. Uma mesma atriz, a sempre impecável Isábel Zuaa, está em ambos os filmes.

"A espinha dorsal do meu filme é a ambivalência moral e a dúvida. Mas, apesar delas, o arco da trama está construído sobre a relação entre aquelas pessoas, pois o que fica de um processo desses não é a política, são as amizades", diz Ivo, que concorreu ao Urso de Ouro das Berlinale, em 2016, com "Cartas da Guerra".

No elenco, Além de Zhao, destaca-se o desempenho do também diretor Gonçalo Waddington e de Isac Graça, além do fino trabalho de direção de fotografia de Vasco Viana.

"Todos os dias, ao fim da filmagem, quando chegávamos ao hotel, Vasco ia ao copião, a fim de corrigir a cor, ciente de que, nas filmagens, obedecíamos às pulsões da câmara, deixando os atores irem... livres", diz Ivo. "Existe um frenesi nas personagens que se espelha no convívio ético e moral entre elas".

DICAS DE QUARTA

POR **RODRIGO FONSECA**

Divulgação



CLARICE VÊ ESTRELAS, de Letícia Pires (Brasil): Prestes a completar oito anos, Clarice vê seu mundo virar de ponta cabeça quando, após uma discussão com a mãe, é obrigada a ajudar o pai a guardar velhos brinquedos no sótão — tudo por causa da chegada próxima de um bebê, seu primeiro irmão. No sótão, ela encontra um livro misterioso que a transporta para o encantado Circo Aquarius. Onde: Circuito SPCine Céu Butantã, 13h

Divulgação



VENTO NORTE, de Salomão Scliar (Brasil): Uma das sensações do último BAFICI, o Festival de Buenos Aires, em seu eixo de restaurações. Scliar (1925-1991) rodou esta pérola em 1951, em terras gaúchas. Filmado em preto e branco e rodado na cidade de Torres (RS), o longa, pioneiro em seu estado no uso de som, retrata a rotina de uma vila de pescadores impactada por uma ventania que afasta os peixes e aprofunda a fome. A vinda de um forasteiro vai ampliar o tônus trágico do local. Onde: IMS, 14h;

Divulgação



MINOTAURO, de Andrey Zvyagintsev (França/ Letônia/ Alemanha): Vencedor do Grande Prêmio do Júri de Cannes, este thriller sobre a quebra do amor, o novo longa do realizador de "Leviatã" (2014) é um estudo sobre a corrupção na Rússia de Putin, com base nas mudanças daquele país em 2022. Quando um empresário, se vê sitiado por pressões corporativas crescentes e por uma (geo)política cada instável, o colapso de sua vida faz com que ele se aproxime da violência. Onde: Reserva Cultural 1, 17h30.

FESTIVAL DE CINEMA FRANCÊS DO BRASIL 2026

Divulgação



Com 'O Beijo Elétrico', a França recarrega as baterias

Arcos do **triunfo**

Num ano pouco inspirado para seus longas nas bilheterias e nos festivais, a França tenta virar o jogo... pelo menos no Brasil... ocupando nossas telas com um festival de filmaços

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Não tem sido um ano de grandes conquistas pra França nos principais festivais internacionais, tampouco nas bilheterias, embora a pátria de Emmanuel Macron tenha marcado um golaço, mas só em seus próprios gramados, com a comédia "Marsupilami: Confusão a Bordo". Esse é o principal fenômeno comercial daquela pátria em 2026, com cerca de seis milhões de ingressos vendidos. Nas mostras competitivas de primeira grandeza da Europa, seus reconhecimentos mais expressivos vieram na categoria de roteiro, com prêmios conquistados por "Um Pequeno Bom Soldado", de Stéphane Brizé, em Veneza, e por "Um Homem de Seu Tempo", de Emmanuel Marre, em Cannes.

É nesse cenário, de contas em reestruturação e de redesenho de rotas, que começa, nesta quinta-feira o 17º Festival de Cinema Francês do Brasil, com programação em salas de mais de 50 cidades até 11 de novembro. Esta noite, já tem um evento para convidados, no Estação Claro Gávea, para deixar zarpar uma esquadra de peso.

Com 21 títulos, sendo 19 produções recentes e inéditas e dois clássicos, a mostra – outrora chamada de Varilux - oferece um retrato da diversidade da cinematografia francesa, reunindo filmes que circularam por Locarno, pelo Lido, pela Croisette e pelo festival de comédias de l'Alpe d'Huez. Um dos principais chamarizes é o díptico "De Gaulle: A França Livre", de Antonin Baudry, exibido fora de competição em Cannes e responsável por levar mais de cinco milhões de espectadores aos cinemas franceses. Protagonizada por Simon Abkarian, Simon Russell Beale e Florian Lesieur, com participação de Benoît Magimel, a produção revisita junho de 1940, quando a ocupação nazista leva o general Charles de Gaulle a partir para Londres e organizar a resistência. Sua narrativa febril tem lotado salas europeias.

Há uma promessa de que "O Beijo Elétrico", de Pierre Salvadori, vire a delicinha do ano no Festival de Cinema Francês. Em sua terra natal, ela explodiu no gosto do povão. Desde a pandemia, quando o musical "Annette", de Leos Carax, abriu o Festival de Cannes de 2021, diante de uma plateia mascarada, separada pelos códigos do distanciamento social, a França tomou para si a tarefa de abrir seu maior (e mais pomposo) evento cinematográfico, de modo a estampar sua saúde criativa no audiovisual para o mundo. Teve até ganhador de Oscar nessa função: Michel Hazanavicius (de "O Artista"). Ele inaugurou a programação de 2002 com "Corta!" ("Coupez!", uma comédia de zumbis. Esse trabalho, em 2026, foi confiado ao diretor Pierre Salvadori, com a comédia em clima (e graça) de vaudeville "La Vénus Électrique", exibida na última terça-feira. Foi uma consagração para sua estrela, a atriz Anaïs Demoustier, que esteve no fenômeno de bilheteria "O Conde de Monte Cristo", em 2024.

Julien Panié/Cinefrance Studios



'O Sentido da Vida' levou a belga Virginie Efira a filmar no Japão

Salvadori, um prolífico roteirista nascido na Tunísia, ficou conhecido entre as plateias do Brasil com "Uma Doce Mentira" (2010) e "Em Um Pátio De Paris" (2014). Em "La Vénus Électrique", ele nos leva até a Paris de 1928, onde o jovem pintor Antoine Balestro (Pio Marmaï) lamenta a morte de sua esposa Irène, pela qual se culpa e que o fez perder a motivação para pintar. Refém do álcool, ele tenta entrar em contato com a esposa por meio de uma médium certa noite. Uma jovem trabalhadora de parque de diversões chamada Suzanne (Anaïs Demoustier), que havia entrado furtivamente no trailer apenas para roubar comida, finge ser uma clarividente para Antoine. O negociante de arte do artista, o marchand Armand (Gilles Lellouche), está desesperado para que seu cliente continue pintando, então convence Suzanne a manter a farsa em troca do pagamento de suas dívidas. Ela começa a encenar sessões espíritas improvisadas para Antoine, nas quais finge canalizar Irène. À medida que Antoine melhora gradualmente, Suzanne se vê se apaixonada pelo homem que está manipulando. Anaïs apaixonou a Croisette inteira com o seu jeitinho sagaz de atuar.

Chifoumi Productions



Denis Ménochet vive um presidente em cerco político em 'Júpiter'

Muito se espera de "O Que é o Amor?", de Fabien Gorgeart, transforma a tentativa de anular um casamento religioso numa viagem a Roma que reúne ex-cônjuges, filhos e novos parceiros. O filme conquistou o Grande Prêmio do Festival de Comédia de l'Alpe d'Huez, onde Laure Calamy também recebeu uma distinção por sua atuação. Outra atração é "A Ilustre Desconhecida", de Marc Fitoussi, com Isabelle Huppert como uma figurante que sonha em conquistar um papel de protagonista.

A programação do Festival Frances buscou ainda "O Sentido da Vida", de Ryusuke Hamaguchi, que concorreu à Palma de Ouro em Cannes e rendeu um prêmio duplo de interpretação feminina a Virginie Efira e Tao Okamoto. Há outras joias em campo além dessa. No thriller político "Júpiter", de Alexandre Smia, Denis Ménochet, André Dussollier e Reda Kateb vivem personagens envolvidos numa crise internacional que ameaça desencadear uma escalada nuclear. Já "A Casa das Mulheres", de Mélisa Godet, acompanha o trabalho de uma equipe dedicada a acolher vítimas de violência e ajudá-las a reconstruir suas vidas. A preocupação ambiental ganha espaço com "O Canto da Floresta", de Vincent Munier, vencedor de dois prêmios César — melhor documentário e melhor som —, que acompanha três gerações de uma família em imersão nas florestas dos Vosges.

Entre os encontros com a memória cinematográfica está o resgate de "A Grande Escapada", de Gérard Oury, com Bourvil e Louis de Funès, comédia que completa 60 anos e ultrapassou 17 milhões de espectadores na França. Resgata-se ainda a animação "O Rei e o Pássaro", de Paul Grimault, que celebra oito décadas de história. A edição também traz o curta "Duas Pessoas Trocando Saliva", de Natalie Musteata e Alexandre Singh, vencedor do Oscar de melhor curta-metragem em live action deste ano.

No Rio e em São Paulo, sete integrantes da delegação artística — entre eles os atores Laure Calamy, Alexandra Lamy, Pauline Clément e Benoît Magimel, além dos diretores Fabien Gorgeart, Marc Fitoussi e Pierre Salvadori — participam de sessões e conversas com o público. Ao longo de suas edições, o festival já reuniu mais de 2,5 milhões de espectadores no Brasil, consolidando-se como a principal vitrine nacional dedicada ao cinema francês.

ENTREVISTA | **ALOISIO DE ABREU**

ATOR E ROTEIRISTA

'Piada ruim não dá cadeia, mas piada errada dá'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Divulgação



Aloisio de Abreu em cena de 'Víboras' - A Arte do Insulto'

Um elenco em estado de covalência, onde a bola rola em harmonia plena, transforma o texto de "Víboras - A Arte do Insulto", em cartaz de sexta a domingo no Teatro Vannucci, numa das comédias mais sagazes das artes cênicas cariocas em 2026 – inclusive quando avança por um terreno reflexivo, a debater intolerâncias. Tá geral em estado de graça em cena, no espetáculo escrito e dirigido por Flávio Marinho, mas baixa um Exu Kevin Kline em Aloisio de Abreu que vence as demandas do mau humor e põe a caretice a cantar pra subir.

Veterano dos palcos, com larga quilometragem na escrita de roteiro, ele vive um ator sumido de cena, que sente orgulho de seus dotes de ave canora, testado em musicais. Casado com um contador há 40 anos (papel em que Marcos Breda puxa, estica, solta, enrola e brilha), ele lamenta apenas a inabilidade do marido em fazer dinheiro com a livraria que abriram juntos. Não é do tipo que chora pitangas, mas bota fora os engasgos do lar tomando guaraná na Desgarrada, bar de uma portuguesa aspirante a fadista (Alice Borges, com uma leveza de Amália Rodrigues) que acaba de contratar um ajudante (Guilherme Dellorto, um McGyver na confecção de boas tiradas).

Essa turma tem lá suas peçonhas, mas em "Víboras – A Arte do Insulto", elas vão compartilhar sonhos, e não perfídia, com "Cantiga Para Luciana" e "Galopeira" a soar ao fundo. Aloisio solta o gogó na hora certa e dá um coice na pasmaceira da vida. Nascido em Resende, há 65 anos, ele assinou seu primeiro contrato como ator profissional em 1982. Fez cerca de 50 peças, como ator quanto autor ou diretor, além de ter participado do elenco fixo dos Trapalhões. Bateu ponto em novelas como "Dono do Mundo" e "Três Irmãs", e fez filmes como "1º de Abril, Brasil" e "Canta, Maria". Cheio de projetos novos no forno, jogando nas onze, ele valoriza o terreiro onde os santos da arte coroaram seu talento: "O teatro me deu régua, compasso, fibra e alegria". Nesta entrevista, ele deixa essa teatralidade filosofar.

> *"Revoluções não se iniciam na mesa de um bar, mas boas conversas e reflexões aprofundadas, via de regra, funcionam como um primeiro passo pra enfrentar mudanças em casa, na rua, no mundo, dentro de si ou do outro"*

Qual é a solidão que guia o universo de bar... com fados, gentrificações e pedidos encruados de casamento do Flávio Marinho? De que forma essa solidão reflete os impasses do Brasil?

Aloisio de Abreu - O teatro é um espelho da sociedade. Vivemos a era da hiperconectividade. Ao mesmo tempo que as redes sociais promovem interação imediata, também alimentam um certo isolamento social, fobias e ódio. Os personagens de "Víboras" fazem parte de uma geração que passou pelas profundas transformações sociais e tecnológicas dos séculos XX e XXI, mas não são almas solitárias nem ficam enfiados dentro de casa. Adoram se encontrar, frequentar o velho bar, atualizar seus afetos e praticar uma coisa linda chamada amizade. Sempre acreditei no poder da comunicação clara. Direta. É a melhor maneira de resolver qualquer questão, seja ela de ordem pessoal ou social. Revoluções não se iniciam na mesa de um bar, mas boas conversas e reflexões aprofundadas, via de regra, funcionam como um primeiro passo pra enfrentar mudanças em casa, na rua, no mundo, dentro de si ou do outro. Em "Víboras", os personagens são testemunhas da nossa História, tanto a que já vivemos como a que está acontecendo sob nossos narizes.

Você começou sua trajetória na televisão em 1991, em "O Dono do Mundo", e atravessou diferentes formatos, da novela ao humorístico, passando por "Sai de Baixo" e "A Diarista". Olhando para esse percurso, que experiências foram decisivas para formar o artista que você se tornou e o que ainda permanece daquele Aloisio que chegou à TV Globo?

Escrever e atuar são um exercício incrível de autoconhecimento. Considero meu ofício quase terapêutico. Quanto mais me embrenho, mais me vejo diante de mim. Principalmente porque eu escrevo humor. O humor me revela e me confronta. O humor me ensinou a rir de mim mesmo. O humor me formou como criador. Na arte e na vida. E tem a técnica, né? Uma boa piada, um bom plot, tudo deve ter ritmo e dinâmica de música. Atuar é assim também. É tudo questão de timing. Escrever e atuar é algo que eu nunca vou deixar de fazer, no teatro, no cinema, TV, streaming. Não penso muito se vou ter espaço ou não. Sigo fazendo.

Em tempos das mais variadas patrulhas e cabrestos, que lugar a comédia ocupa? Que comédia você faz?

Os códigos sociais mudaram e hoje não dá mais pra rir de piadas racistas, misóginas, classistas. Existem comediantes que se queixam do politicamente correto, mas eu defendi. Sem exageros. Bater em minoria não dá. Piada ruim não dá cadeia, mas piada errada dá.

Além de ator, você construiu uma trajetória como autor, colaborando com programas como "A Diarista" e "Sai de Baixo". Como muda o seu olhar quando você deixa de interpretar um personagem para criar as situações, os diálogos e os conflitos que darão vida a ele? Você acredita que o audiovisual brasileiro ainda oferece espaço para a autoria?

Todo autor escreve sobre si. Eu sou assim. Os personagens que eu crio não são sobre mim, mas sou eu o tempo todo quem está ali... nos diálogos, nas situações. A obra autoral é sempre mais instigante e original. Vejo isso em telenovelas e programas como o "Porta dos Fundos".

Onde e como o Flávio Marinho deposita esperança e criatividade no teatro carioca de hoje?

O Flavio é um autor com uma pena acridoce. Tem um olhar apurado sobre uma certa classe média carioca que funciona como um microcosmo brasileiro. O teatro sempre aponta um caminho para a frente. E Flavio está sempre lá.

O que mais vem pelo caminho? Que novas peças e roteiros estão no forno?

Escrevi o monólogo "O que terá acontecido com Narjara Turetta?". É para a atriz Narjara Turetta. Foi um convite de Gloria Pires, que vai dirigir. Estou escrevendo uma comédia maluca pro cinema, além de uma peça para os atores Ricardo Kosovski e Priscilla Rozembaum. Como disse Cazuza, o tempo não para. E eu não piro.

sesc

APRESENTA

festival sesc de cinema
PETRÓPOLIS

NOVOS OLHARES.
NOVAS HISTÓRIAS.
UM NOVO FESTIVAL DE CINEMA.

O Sesc RJ apresenta seu novo festival de cinema. Um espaço para diferentes olhares, histórias e perspectivas ganharem as telas, aproximando realizadores, produtores e públicos.
E você que faz cinema está convidado a fazer parte dessa estreia.

Inscreva-se em
www.sescrio.org.br

INSCREVA SEU FILME
22·10 A 22·11

mostra **Olhar Fluminense**
mostra **Andança**
mostra **Mirada Infanto-juvenil**